

## IMAGENS DE CONTROLE DE TRAVESTIS E O ATIVISMO EM FORTALEZA

Amadeu Cardoso do Nascimento<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho se ampara na pesquisa do Programa de Mestrado Associado em Antropologia UFC/UNILAB. As travestis em Fortaleza, por meio do ativismo, resistências e experiências reivindicam um lugar social para além da conjuntura marcada pela opressão de gênero. Desse modo, passaram a ocupar diversos espaços entre a universidade, instituições oficiais do Estado e o movimento social. Nosso objetivo é analisar como as imagens de controle estabelecidas pela cisheterossexualidade contribuíram para que historicamente elas fossem criminalizadas, marginalizadas e perseguidas. Para além dessas questões, foram vistas como prostitutas, marginais, perigosas e escandalosas. Subalternizadas historicamente pelo racismo e transfobia na sociedade brasileira, romper com essas imagens é descortinar os discursos hegemônicos. O termo imagem de controle discutido aqui segue o pensamento de Patricia Hill Collins (2019) e Winne Bueno (2020). Com teorias transfeministas, decoloniais e pós-coloniais, investigamos o ativismo de travestis em Fortaleza como uma categoria política que pretende contrariar pelo menos três categorias da colonialidade de imagens de controle: a travesti que vende seu corpo na rua e que vive da prostituição; a travesti marginal, criminosa; e a travesti barraqueira, escandalosa. Desse modo, as ancestrais do pioneirismo do ativismo de travestis em Fortaleza, Janaína Dutra, Thina Rodrigues e Dediane, somam-se com as entrevistas realizadas com trajetórias de novas sujeitas ativistas, Labelle Rainbow, Yara Canta, Silvinha Cavalleire e Amanda Félix.

**Palavras-chave:** Travestis. Ativismo. Imagens de controle.

---

<sup>1</sup> Universidade da Integração Internacional, Mestre em Antropologia pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia PPGA UFC/UNILAB. E-mail: amadeumatosft@hotmail.com